



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular
29 a 31 de outubro de 2025
Campinas - SP, Brasil

Escritório Público de Engenharia e Arquitetura: Reflexões acerca de 10 anos de práticas extensionistas

Beatriz Lopes dos Santos, UFBA, b.lopes@ufba.br
Julia Santos Brito, UFBA, britojulia@ufba.br
Kathy Daniely Guedes Levy de Souza, UFBA, kathysouza@ufba.br
Lucas Valentim de Souza, UFBA, lucasvalentim@ufba.br
Maria Fernanda Conceição Alcântara, UFBA, alcantaram@ufba.br
Melissa Grangeon de Alencar Mêndia, UFBA, melissamendia@ufba.br
Victor Ferreira, UFBA, victor.rferreira@me.com

ARTIGO

EIXO TEMÁTICO: UNIVERSIDADE, ENSINO NA ENGENHARIA E EXTENSÃO

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar a atuação do Escritório Público de Engenharia e Arquitetura da Universidade Federal da Bahia - Bákó, na perspectiva dos seus 10 anos de existência. Busca com isso reconhecer práticas inspiradoras e disruptivas em relação aos métodos e conhecimentos eurocêtricos historicamente tidos como hegemônicos nas universidades. Nossa abordagem metodológica é baseada em documentos, registros e mídias digitais do escritório, assim como, de vivências e experiências da membresia, refletindo a identidade do projeto ressaltando a abordagem participativa e dialógica e a promoção da autogestão que guiam o Bákó. Como principais contribuições, observamos a continuidade na implementação de projetos de impacto social, a valorização de metodologias que potencializam o conhecimento popular, e a diversidade da membresia do escritório. A longevidade desse projeto de autogestão estudantil tem demonstrado também sua capacidade de adaptação diante de desafios como foi a pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão Universitária. Educação Popular, Processos Participativos, Assessoria Técnica Popular, Escritório Público.



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil



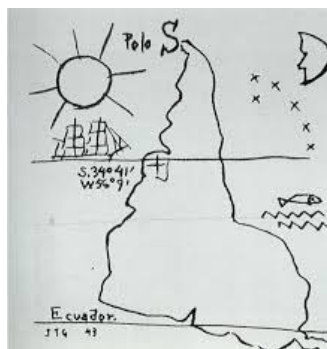
XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular
29 a 31 de outubro de 2025
Campinas - SP, Brasil

INTRODUÇÃO

Diante da constatação de que a atuação profissional convencional no campo das engenharias, arquitetura e urbanismo permanecem distantes e inacessíveis para grande parte da população, a extensão universitária emerge como uma via essencial de formação para estudantes desses campos. Por meio de atividades práticas e de reflexão crítica, essa dimensão do tripé universitário permite a aproximação com um trabalho comprometido com o direito à cidade e à moradia, estimulando o desenvolvimento de soluções projetuais e construtivas de baixo custo e reduzido impacto ambiental e social.

Nesse contexto, o BAKÓ - Escritório Público da Universidade Federal da Bahia (UFBA), iniciativa autogerida por estudantes, busca concretizar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão por meio da assessoria técnica a comunidades em situação de vulnerabilidade. Mas o que define a atuação de um Escritório Público enquanto extensão acadêmica? De que maneira essa experiência contribui para uma formação crítica e comprometida socialmente? Que características da sua atuação se aproximam de ideias contra coloniais e fortalecem a soberania popular? Este artigo propõe-se a identificar através da trajetória de 10 anos do BAKÓ, caminhos possíveis para pensar essas questões.

Figura I - América Latina Invertida.



Fonte: Joaquín Torres-García, 1943.



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

Antes do início da onda dos pensamentos decoloniais começarem a terem notoriedade, ainda na primeira metade do século XX, o artista uruguaio Joaquín Torres-García foi um precursor desse movimento ao produzir obras como *América Invertida* (Figura 1) que manifestaram a necessidade de criticar o eurocentrismo, tanto no campo do conhecimento técnico científico quanto no artístico, e a valorização da cultura e dos saberes latinoamericanos como forma de reafirmação da identidade própria desses povos, historicamente oprimidos e impostos à uma cultura que não exatamente condiz com as suas vivências. Relacionando essas discussões do meio artístico com a engenharia, a criatividade pode ser vista como algo em comum entre essas áreas. Na arte, ela é fundamental para a expressão e experimentação em obras, como visto nas criações decoloniais, enquanto na engenharia ela é essencial para a solução de problemas complexos e para o desenvolvimento e solução de projetos.

Numa tentativa de trazer as engenharias a esse movimento de reconhecimento de novos modos de fazer e pensar, que desafiem a hegemonia intelectual e produtiva do eixo do norte global, o BÁKÓ, enquanto grupo de extensão composto e gerenciado por estudantes universitários, teve o seu nome escolhido com base na língua iorubá, idioma trazido pelos africanos escravizados durante o Brasil colonial à cidades como Salvador, declarada como “a Capital Iorubá das Américas” em 2018 juntamente com representantes dos povos africanos. O significado do nome “BAKÓ” é “construir coletivamente” e, ao longo dos últimos 10 anos o escritório através dos seus próprios métodos autogestionários pôde tecer intensas relações com diversos territórios populares que puderam fortalecer essa construção coletiva.



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular
29 a 31 de outubro de 2025
Campinas - SP, Brasil

METODOLOGIA

A construção metodológica deste artigo baseou-se na análise documental dos registros do BÁKÓ, bem como, descrição de vivências e conhecimentos prévios dos membros do projeto que foram fundamentais para a coleta e descrição das informações. Além disso, foram consultadas atas de reuniões, materiais de mídias sociais e documentos de projetos em desenvolvimento. Essa abordagem permitiu revistar e compreender diferentes as práticas e processos de trabalho, evidenciando seus princípios norteadores. Neste artigo, apesar de apresentar rapidamente a organização interna do escritório, o foco está nas organizações estabelecidas dentro dos “Núcleos” (como são denominadas as frentes de trabalho com parceiros externos ao escritório) de forma que destaca-se as dinâmicas internas e as respectivas características de cada núcleo do escritório.

Para apresentar os dados mais detalhados dos membros do escritório foi feito um recorte do período pós pandemia de COVID-19. Anteriormente a esse período os registros sobre ingressos e egressos não foram bem documentados, assim como dados do curso de origem de cada pessoa ou semestre que esteve cursando. Essa ausência de informações precisas sobretudo nos primeiros anos de escritório também é um dado que será discutido mais adiante.

A atuação do Bákó com as comunidades e territórios, abrangendo Salvador e municípios vizinhos, segue uma abordagem participativa e dialógica. A aproximação com as comunidades ocorre por diferentes vias: tanto pela indicação a partir da rede de contatos estabelecidos na universidade (professores, outros projetos, etc); quanto pela interlocução direta com movimentos sociais e organizações sociais; ou ainda por meio de indicações da própria membresia, incentivando a horizontalidade, uma vez que, mostra a igualdade da influência dos estudantes em espaços de deliberação estratégicos do escritório.

O processo metodológico das atividades do Bákó junto às comunidades é intrinsecamente participativo e se estrutura em etapas contínuas de escuta e



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular
29 a 31 de outubro de 2025
Campinas - SP, Brasil

colaboração. Inicialmente, a equipe do escritório realiza visitas e conversas no território, buscando compreender o que levou a busca por uma assessoria em engenharia e arquitetura. Essas interações iniciais também visam conhecer os agentes locais com quem se trabalhará ao longo do processo, fortalecendo os laços entre comunidade e membros do escritório. Esse diálogo inicial é crucial para o fortalecimento do processo participativo e para a própria base da educação popular. Alinhando-se à perspectiva de Paulo Freire, na sua obra “Pedagogia do Oprimido” (1987), o Bákó opera sob o princípio de que o conhecimento não é algo a ser “depositado” nos indivíduos, mas sim construído coletivamente. Reconhecendo que a comunidade detém saberes essenciais sobre sua realidade, os quais são tão válidos quanto o conhecimento formal acadêmico. Assim o escritório prioriza uma abordagem problematizadora, não buscando impor soluções, mas co-criá-las em um processo dialógico e da reflexão sobre a realidade local.

A proposta desses projetos está relacionada com a chamada “educação popular”, que se baseia na premissa de que, a partir das trocas que acontecem nas comunidades, o aprendizado é mútuo e rico para ambas as partes (GADOTTI, 2012). A prática de assessoria técnica do BÁKÓ atua buscando fortalecer os conhecimentos culturais e históricos da região, assim, busca criar dinâmicas que incluam os saberes e valores tradicionais de cada local conciliado com soluções criativas e eficientes para as questões trazidas inicialmente pelos moradores.

A partir desse diálogo, são organizadas ações práticas com base na construção coletiva envolvendo membros do escritório, moradores e outros parceiros. Essas práticas assumem diversas dinâmicas, como por exemplo rodas de conversa, oficinas e mutirões, de forma que também funcionam como espaços de troca de conhecimento e fortalecimento da educação popular. Nestes momentos, o Bákó atua como facilitador, incentivando a autogestão também da organização comunitária local, além dos estudantes do projeto, fortalecendo a decisão coletiva. A horizontalidade das relações é um princípio fundamental, garantindo que todas as vozes contribuam ativamente na construção das soluções e que o saber técnico se entrelace com o conhecimento



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular
29 a 31 de outubro de 2025
Campinas - SP, Brasil

popular. Nesse contexto, é possível relacionar com a reflexão de Karl Polanyi, ao afirmar que as sociedades devem proteger suas formas de organização social contra a lógica desumanizadora do mercado (POLANYI, 1980). A autogestão promovida no BÁKÓ, centrada na cooperação e no enraizamento local das decisões, representa uma resistência prática à mercantilização da vida, recolocando a economia sob o controle da sociedade e não o contrário.

A exemplo do núcleo de Matarandiba, onde o primeiro encontro envolveu um profundo reconhecimento cultural e histórico da ilha junto aos moradores. Na etapa seguinte, o Escritório retornou para medições e elaboração de croquis baseados nas demandas locais, ilustrando a aplicação prática da metodologia participativa desde a escuta até a co-criação de projetos. Após essa etapa de colaboração presencial, as ideias são transformadas em projetos técnicos, utilizando diversas ferramentas de domínio das engenharias, arquitetura e urbanismo. Posteriormente, esse material volta a ser apresentado à comunidade para discussão, onde são colhidas opiniões e sugestões de mudanças e melhorias com interface adequada para prática projetiva entre saber técnico e popular. (BALTAZAR; KAPP, 2006)

O ciclo se encerra com a elaboração de um relatório final, que resume o processo percorrido e as conclusões alcançadas para cada atividade. Essas práticas não só visam a concretização de melhorias nos territórios, mas são também vitais para o fortalecimento da autonomia das comunidades e para a promoção do conhecimento popular criando uma via de mão dupla entre a universidade e a sociedade.

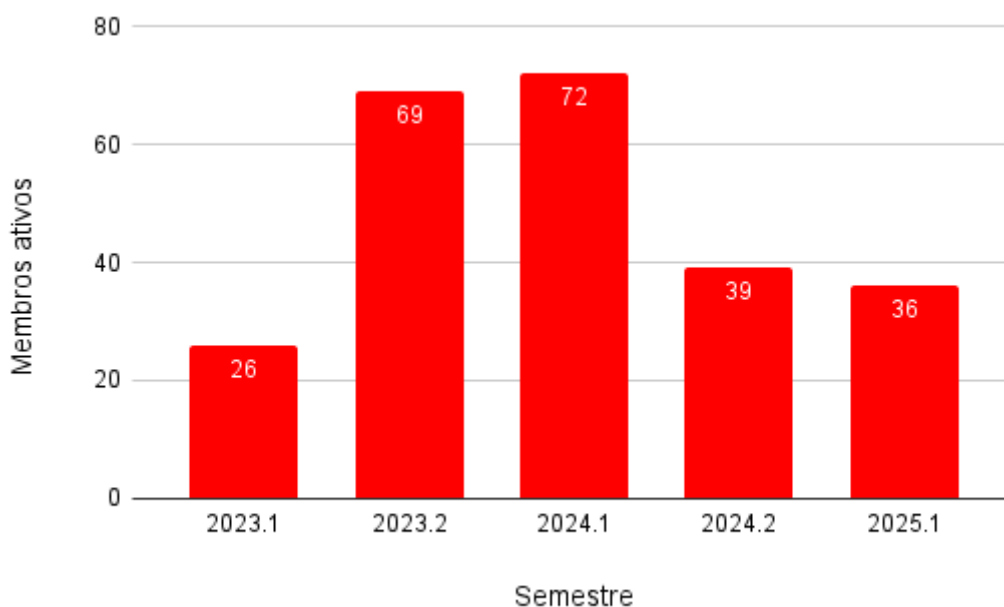
DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

A trajetória do BÁKÓ é marcada por uma ampla participação estudantil, com presença constante de discentes de diferentes cursos e períodos da universidade. A análise do perfil dos membros ao longo dos semestres permite compreender não apenas a evolução quantitativa do coletivo, mas também os fatores que influenciaram sua configuração interna em diferentes contextos institucionais e sociais.



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular
29 a 31 de outubro de 2025
Campinas - SP, Brasil

Gráfico I - Número de membros ativos no BÁKÓ por semestre (2023-2025).



Fonte: Escritório Público de Engenharia e Arquitetura - BÁKÓ

O Gráfico I evidencia um crescimento significativo no número de membros ativos entre o primeiro semestre de 2023 (26 membros) e o primeiro semestre de 2024 (72 membros). Esse aumento pode ser atribuído a um conjunto de fatores, como o envolvimento do grupo em um número maior de projetos comunitários e territoriais, o fortalecimento das articulações com movimentos sociais e comunidades, o aumento da visibilidade dentro da universidade e a consolidação de estratégias de mobilização e acolhimento de novos integrantes.

A partir de 2024.2, observa-se uma redução no número de membros ativos, com 39 participantes em 2024.2 e 36 em 2025.1. Essa diminuição pode ser explicada, em grande parte, pela greve docente ocorrida em 2024.1, que impactou significativamente o funcionamento da universidade. Com a suspensão das aulas e o reordenamento do calendário acadêmico, muitos estudantes optaram por trancar o semestre ou se afastar temporariamente das atividades universitárias, o que também repercutiu diretamente na dinâmica do BáKó. Além disso, a queda no número de membros pode estar associada a um processo de regularização interna, que buscou considerar apenas



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

aqueles que estavam efetivamente engajados nas atividades do grupo, proporcionando um retrato mais fiel da participação ativa. Esse episódio reforça como o coletivo está profundamente vinculado ao contexto institucional, sendo sensível às condições externas que afetam a permanência e o engajamento estudantil.

A composição do Bákó se destaca também pela diversidade de formações acadêmicas entre seus membros. Embora os cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia apresentem maior representatividade histórica no coletivo, atualmente o grupo é composto por estudantes de diferentes áreas do conhecimento para além das Ciências Exatas e Sociais, como Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Linguagens e Artes. Essa pluralidade de saberes potencializa a abordagem interdisciplinar do BÁKÓ e qualifica o desenvolvimento dos projetos em que atua, especialmente aqueles voltados à assessoria técnica popular, à comunicação comunitária e ao planejamento urbano participativo.

A consolidação do BÁKÓ enquanto coletivo de extensão universitária se expressa não apenas pela trajetória dos seus membros ao longo dos anos, mas, sobretudo, pela materialização de suas práticas em diferentes territórios e comunidades. As práticas territoriais, mais do que ações pontuais, constituíram espaços de formação crítica, troca de saberes e produção coletiva de conhecimento, sempre orientadas por princípios de justiça social, direito à cidade e fortalecimento de práticas populares.

A Imagem I - Localização dos Núcleos sistematiza geograficamente as localidades onde o BÁKÓ atuou ao longo dos anos, demarcando em vermelho as periferias de Salvador e a sua Região Metropolitana, o baixo-sul da Bahia e diferentes bairros centrais da cidade de Salvador. A inserção nesses territórios deu-se, em sua maioria, a partir do fortalecimento de parcerias com movimentos sociais, associações comunitárias, coletivos culturais, instituições públicas e lideranças locais. Em todos os casos, os objetos de trabalho foram identificados por meio da escuta ativa dos grupos de agentes envolvidos, de modo a respeitar suas especificidades territoriais.



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular
29 a 31 de outubro de 2025
Campinas - SP, Brasil

Mapa I - Localização dos Núcleos



Fonte: Escritório Público de Engenharia e Arquitetura - BÁKÓ

No município de Camaçari, por exemplo, a aproximação se deu por meio de docentes e discentes do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência, Tecnologia e Inovação (BI CTI), com foco no desenvolvimento de um projeto arquitetônico para criação de um espaço coletivo voltado à inovação e à construção de uma comunidade acadêmica mais integrada. Tal iniciativa envolveu práticas de planejamento orçamentário, capacitação e metodologias participativas.

No território do Baixo Sul, mais precisamente no município de Ituberá, a atuação concentrou-se no desenvolvimento de um projeto de construção civil para implantação de uma agroindústria destinada ao beneficiamento de polpas de frutas e produção de fitocosméticos, em parceria com coletivos de mulheres locais, articulando práticas sustentáveis e tecnologias apropriadas no fortalecimento de redes de economia solidária.

Em comunidades marcadas por processos históricos de informalidade urbana e carência de infraestrutura, como o 1º de Maio e a Vila Santinha, ambas na periferia de Salvador, as ações estiveram voltadas, respectivamente, para a elaboração de projetos



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

de urbanização e para cadastros com vistas à regularização fundiária. Nessas experiências, destacou-se a parceria com lideranças comunitárias e movimentos sociais, como o Movimento Nacional de Luta pela Moradia - MNLM.

Em Salvador, no bairro do Engenho Velho da Federação, a parceria estabelecida com a Associação de Mulheres Akomabu possibilitou o desenvolvimento de um projeto arquitetônico para uma cozinha comunitária, entendida não apenas como infraestrutura alimentar, mas como estratégia de fortalecimento cultural e comunitário. Também na capital baiana, foi conduzido o Diagnóstico Rápido Urbano e Participativo (DRUP) em territórios como o Bairro da Paz e o Nordeste de Amaralina, utilizando metodologias participativas baseadas em cartografia social e levantamento de dados territoriais e sociais, em articulação com a Central dos Movimentos Populares (CMP).

No caso do núcleo QUIAL, a atuação se deu em parceria com o QUIlombo ALdeia de Tubarão, subúrbio de Salvador, com foco na requalificação e otimização dos espaços coletivos utilizados pela associação local, buscando melhorias que contemplassem aspectos de funcionalidade, acessibilidade e conforto, respeitando as especificidades culturais dos diversos grupos que utilizavam o espaço.

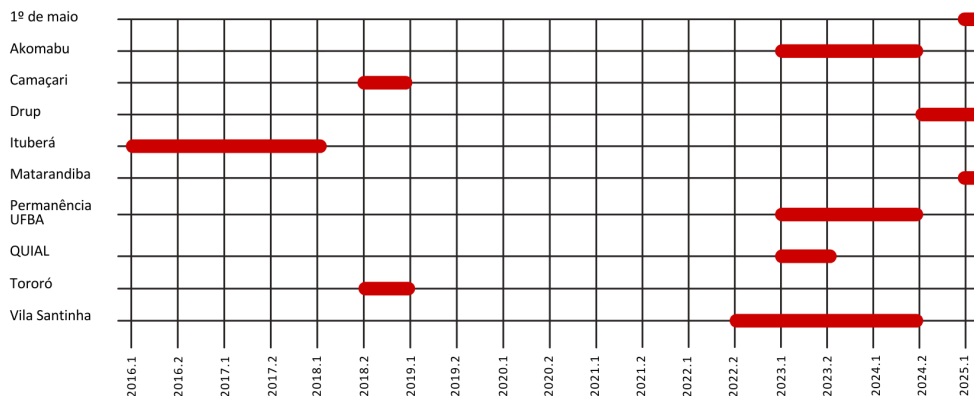
Além das experiências externas, o Bákó também desenvolveu ações voltadas à própria universidade, agrupadas no eixo denominado Permanência UFBA, que compreende projetos voltados à melhoria da infraestrutura da instituição, tais como a requalificação da escadaria de acesso entre a Escola Politécnica e o Campus de Ondina e o projeto para construção de um restaurante universitário, ambas iniciativas articuladas às demandas do movimento estudantil por melhores condições de permanência.

Para uma melhor visualização da duração temporal das atuações, o Gráfico II apresenta a distribuição dos projetos por semestre letivo, evidenciando tanto as iniciativas de curta duração quanto aquelas que se estenderam por períodos mais longos, permitindo observar a sobreposição e continuidade das frentes de trabalho.



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular
29 a 31 de outubro de 2025
Campinas - SP, Brasil

Gráfico II - Duração por semestre dos núcleos do BÁKÓ



Fonte: Escritório Público de Engenharia e Arquitetura - BÁKÓ

Observa-se, no diagrama, uma lacuna de atividades presenciais entre os semestres 2020.1 e 2022.2, período em que não houve a criação ou continuidade de novos núcleos em decorrência da pandemia de COVID-19. Nesse intervalo, o Bákó operou de forma parcial, com suas atividades de campo suspensas ou adaptadas, refletindo as restrições sanitárias e institucionais vivenciadas pela universidade e pelas comunidades. Ainda assim, o coletivo manteve sua atuação extensionista de forma remota, integrando a campanha nacional “Despejo Zero”.

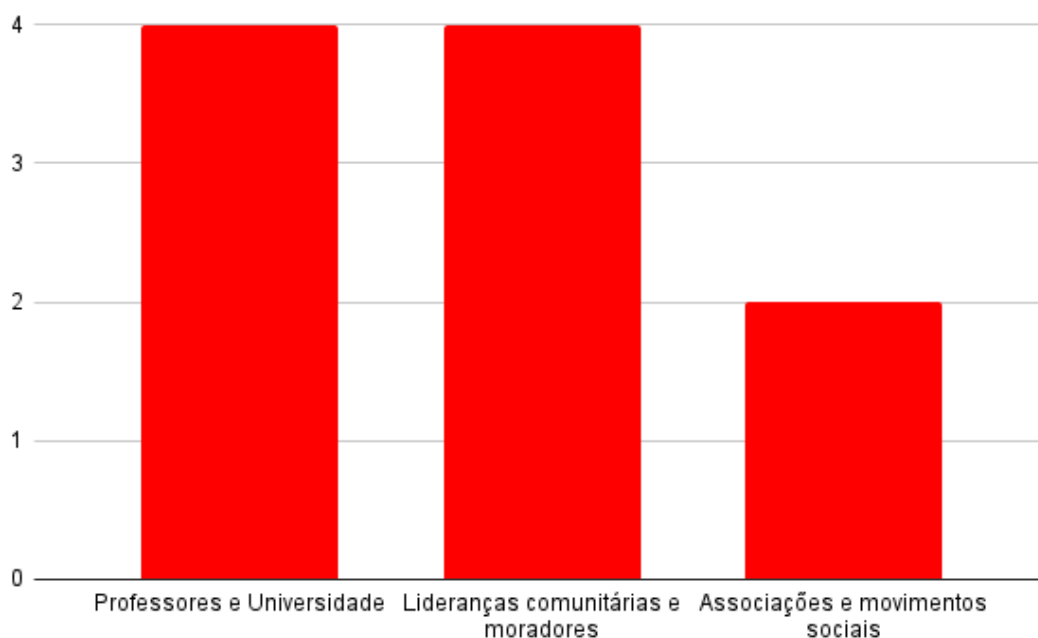
Ao mergulharmos na análise dos trabalhos específicos desenvolvidos, desvendamos não apenas a diversidade de suas frentes de atuação, mas também a intrínseca teia de relações que os impulsionou. Cada projeto, com suas particularidades e desafios, tem uma história de como tudo começou, e é justamente nesses pontos de partida que reside uma das mais ricas compreensões sobre a natureza dessas intervenções.

Uma olhada atenta revela que a maioria dessas iniciativas brota diretamente do coração das comunidades. Não se trata de uma imposição de fora para dentro, mas sim de uma resposta genuína a demandas sentidas na pele por quem vive o dia a dia desses territórios. Essa forte conexão pode ser observada claramente quando analisamos a gênese de cada iniciativa.



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular
29 a 31 de outubro de 2025
Campinas - SP, Brasil

Gráfico III - Pontos de partida dos núcleos de atuação do BAKÓ



Fonte: Escritório Público de Engenharia e Arquitetura - BAKÓ

Conforme ilustrado no Gráfico III, a proeminência da atuação das lideranças comunitárias e os próprios moradores, juntamente com as associações e movimentos sociais, como catalisadores iniciais dos projetos é inegável. Diversas ações que se debruçaram sobre a regularização fundiária, o mapeamento urbano e a qualificação de espaços de lazer tiveram seus primeiros passos dados a partir do contato com figuras representativas do bairro, com moradores ativos ou através de movimentos sociais que já articulavam as demandas locais. Essa origem confere aos projetos não só uma legitimidade potente, mas também um alicerce sólido para que as soluções sejam construídas em verdadeira parceria, garantindo que se ajustem à realidade e que perdurem. São iniciativas que, por sua natureza, partem do reconhecimento das pautas e dos atores locais, gerando soluções mais aderentes e sustentáveis, pois a comunidade se torna coparticipante do processo desde seu início.

Contudo, a força desses trabalhos não reside apenas na iniciativa popular. O papel do ambiente acadêmico emerge como um pilar de apoio e fomento. A parceria com



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular
29 a 31 de outubro de 2025
Campinas - SP, Brasil

professores e a própria estrutura universitária foram decisivas para o pontapé inicial em diversos projetos, evidenciando como a universidade pode ser um polo gerador de conhecimento e uma ponte para a transferência de metodologias e projetos para o campo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de seus dez anos de atuação, o BÁKÓ evidenciou como um projeto de extensão universitária pode se tornar um potente instrumento de transformação social, ao integrar a prática extensionista com o compromisso ético e político na construção de uma engenharia baseada na prática de assessoria técnica popular. A partir de uma metodologia autogestionária e participativa, centrada na escuta e no diálogo com as comunidades, o BÁKÓ não apenas respondeu de forma técnica às demandas dos territórios onde atuou, mas também contribuiu significativamente para a formação crítica conjunta dos estudantes e moradores envolvidos no trabalho.

Essa prática extensionista se materializa em uma trajetória marcada pela diversidade de territórios e pela pluralidade de frentes de atuação, abrangendo projetos de arquitetura, urbanismo, regularização fundiária, agroindústria e iniciativas voltadas à permanência estudantil. Tais ações foram conduzidas de forma colaborativa, incentivando a co-criação entre estudantes e comunidades e promovendo o entrelaçamento entre o saber técnico-acadêmico e os saberes populares. Essa articulação resultou em transformações concretas nos territórios atendidos e fortaleceu vínculos duradouros entre universidade e sociedade.

Nesse sentido, ao valorizar o conhecimento popular e promover uma comunicação ativa com as comunidades, o BÁKÓ reafirma a importância de uma engenharia voltada ao coletivo. Ao mesmo tempo, apresenta à universidade uma forma de aprendizado que reconhece que a formação em engenharia vai além do domínio técnico, assumindo também um papel social essencial na construção de uma sociedade mais justa e democrática.



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular
29 a 31 de outubro de 2025
Campinas - SP, Brasil

Diante dessa experiência, torna-se evidente a urgência de fortalecer e ampliar espaços autogeridos de extensão universitária que possibilitem vivências transformadoras. Para isso, é fundamental que a universidade assuma um compromisso efetivo com uma engenharia socialmente engajada, em que saberes acadêmicos e populares não se opunham, mas avancem juntos, em diálogo e colaboração, na construção de um futuro mais justo, solidário e plural.

REFERÊNCIAS

BALTAZAR, Ana Paula; KAPP, Silke. **Por uma Arquitetura não Planejada: O arquiteto como designer de interfaces e o usuário como produtor de espaços**. Impulso, Piracicaba, v.17, n.44, p.93-103, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Educação Popular, Educação Social e Educação Comunitária - Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**. Revista diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: Domínio Epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17ª ed., 1987.

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação: As origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.